

MODIFICAÇÕES NA *GRAMMÁTICA EXPOSITIVA* DE EDUARDO CARLOS PEREIRA

Márcia A. G. Molina – UNISA

Preliminares

Neste artigo, que é um recorte de nossa tese de doutoramento¹, objetivamos mostrar uma análise das modificações efetuadas pelo autor da *Gramática Expositiva (Curso Superior)*, quando publicou sua segunda edição, com o propósito de deduzir os motivos que teriam levado Pereira a efetuá-las.

Especificamos que restringimos nosso trabalho ao estudo da gramática como *expressão do pensamento*, portanto ao que abrange tanto a escolha do léxico, quanto à sua organização, ou seja, limitar-nos-emos a estudar os capítulos que tratam das *Noções Preliminares*, da *Morfologia* e da *Sintaxe* nesse compêndio escolar, deixando para um próximo momento o estudo da parte mecânica da linguagem (fonologia).

Antes de começarmos a discutir as diferenças observadas entre a 1ª e a 2ª edição da *Gramática Expositiva (Curso Superior)*, apresentamos um pequeno esboço da estrutura geral de cada uma delas, para facilitar a compreensão dos dados a serem analisados:

1ª edição: *Gramática Expositiva*

Capa
Contracapa
Prólogo
Autoridades clássicas citadas
Explicações
Pareceres
Noções preliminares

¹ Tese de doutoramento, intitulada *Um estudo descritivo-analítico da Gramática Expositiva (Curso Superior) de Eduardo Carlos Pereira*, defendida na Universidade de São Paulo, em outubro/2004.

GRAMÁTICA	Lexeologia: Fonologia: Fonética, Prosódia, Ortografia
	Morfologia: Taxeonomia, Etimologia
	Sintaxe: Proposição Simples, Particularidades Sintáticas, Proposição Composta e Complexa.
	Índice geral
	Errata

2ª edição: *Gramática Expositiva (Curso Superior)*

	Capa
	Contracapa
	Prólogos da 1ª e da 2ª edição
	Autoridades clássicas citadas
	Explicações
	Esboço histórico e geográfico
	Noções preliminares
GRAMÁTICA	Lexeologia: Fonologia: Fonética, Prosódia, Ortografia
	Morfologia: Taxeonomia, Etimologia
	Sintaxe: Proposição Simples, Período, Particularidades Sintáticas.
	A sintaxe e a estilística
	Índice Geral
	Índice alfabético das matérias
	Pareceres

Cumpre-nos ainda informar que, visando à facilitação da leitura, as alterações observadas foram agrupadas de acordo com os seguintes critérios:

- a) modificações efetuadas **na estrutura da obra**;
- b) modificações efetuadas **na forma de apresentação dos conteúdos**;
- c) modificações efetuadas **no tratamento dado a esses conteúdos**.

Finalmente salientamos que o trabalho que agora apresentaremos inscreve-se na História das Idéias Lingüísticas do Brasil.

Passemos, então, às comparações.

1. Modificações efetuadas na estrutura da obra

Em relação a essas alterações, a mudança inaugural nitidamente observada entre ambas as edições foi a adequação do título. A primeira edição da *Gramática* chama-se tão somente *Gramática Expositiva*. Como vimos, no final de 1907, mais precisamente, em dezembro, Pereira já lançara sua *Gramática Expositiva (Curso Elementar)* – extraída da primeira com *leves retoques na doutrina, adaptando-o* (o curso) *ao primeiro ano dos ginásios, de acordo com o programa oficial* (p.7) – passou a chamar o **texto-fonte**² de *Gramática Expositiva (Curso Superior)*.

Outra inovação observada na edição de 1909 foi o fato de o autor ter transferido os “**Pareceres**”, que principiavam a 1ª edição, para o final da obra.

Recordemo-nos de que era hábito na época fazer constar nesses materiais didáticos, logo depois da contracapa, **pareceres** dados por eminentes especialistas da área, para, como afirma Fernandes (2001), de um lado, funcionar como propaganda do material, e de outro lado assegurar sua respeitabilidade. Na ocasião da 2ª edição, a gramática já fora aceita e prestigiada por algumas instituições³, vários homens das letras e inúmeros e abalizados lentes. Cartas elogiando-a chegaram inclusive de *ultramar*⁴, artigos jornalísticos foram escritos (em sua maioria) parabenizando o autor pela iniciativa de lançar tão importante compêndio, portanto já estava “atestado” tratar-se de obra de grande monta, não necessitando, pois, na 2ª edição, que tais opiniões a iniciassem. Apesar disso, o autor, ao transportá-las para o final, incluiu na edição revisada um número maior ainda daquelas favoráveis.⁵

Outra mudança observada na estrutura do texto na 2ª edição foi o acréscimo do *Esboço Histórico e Geográfico* no qual o autor explica a formação das línguas quanto à morfologia e à genealogia, discorre a respeito da filiação das línguas românicas, discute a formação do Português e especifica, tanto as diversas origens do nosso léxico, quanto os períodos da Língua Portuguesa. Finalmente, em relação à geografia, exhibe um quadro revelando os países – suas superfícies e populações – que possuem o Português como língua materna.

² Por “*texto-fonte*” entendemos aqui a 1ª edição da *Gramática Expositiva*, já que ela constitui o texto base para as demais edições.

³ Referimo-nos aqui aos pareceres elogiosos da *Congregação do Ginásio (oficial) da Capital do Estado de São Paulo* e do *Instituto de Ciências e Letras* que já constavam na 1ª edição.

⁴ O autor refere-se à carta de Cândido de Figueiredo, a ele enviada, elogiando a gramática em questão (Prólogo da *Gramática Expositiva (Curso Elementar)*, dezembro, 1907)

⁵ A mordaz opinião expressada pelo crítico de *O Estado de São Paulo* não foi mencionada nas edições da *Gramática Expositiva*.

Relativamente à estrutura, observamos que o autor fez constar no final dessa 2ª edição um caderno intitulado *A Sintaxe e a Estilística* no qual esclarece que elas têm *por objeto comum a fraseologia* (p. 316), porém a primeira preocupa-se com a correção da frase e a segunda, com sua beleza. Em seguida, define *estilo*, asseverando que *é o modo peculiar de dar o escritor expressão a seus pensamentos* (p. 316) e o classifica em relação à matéria, forma e história.

Houve alteração ainda na organização dos capítulos. Na edição de 1909, na parte em que o autor trata da morfologia, começa pela **Taxeonomia**, dividindo-a em **palavras flexivas, palavras inflexivas e outras classes de palavras**. No texto-fonte, não apresentava essa divisão com tal nitidez.

Também, quando passa a tratar da sintaxe, reorganiza a estrutura dos capítulos:

1ª EDIÇÃO	2ª EDIÇÃO
I – Da proposição e seus membros	I – Da proposição e seus membros
II – Das particularidades sintáticas referentes às categorias gramaticais	II – Do período gramatical
III – Do período gramatical	III – Das particularidades sintáticas sobre as categorias gramaticais
IV – Da pontuação	IV – Da pontuação

Por outro lado, o número de parágrafos passou de 769 da 1ª edição para 821 na segunda, já que, no *Prólogo* do texto-fonte, o autor afirmara que não partiria a gramática *em pequeninos, multiplicando ao extremo as divisões e subdivisões (sic)* (p.V).

Além disso, observamos uma mudança em relação aos exercícios propostos. Antes de esclarecer quais foram elas, julgamos importante especificar que a primeira edição, ao final de cada capítulo, apresentava um modelo de análise (quer fonética, quer morfológica, quer lógica ou sintática) e, a seguir, um grande rol de orações (provérbios, máximas e ditos sentenciosos) para treino do conteúdo ministrado.

Devemos notar que o autor já noticiara no *Prólogo* dessa edição que seguia os princípios da *moderna pedagogia alemã* (p.II) ou seja, da Escola Nova, cujo modelo pedagógico apregoava que uma boa metodologia educacional necessariamente precisaria tanto favorecer a prática – portanto ser pautada na execução de atividades (exercícios) – quanto zelar pela moral:

Os princípios norteadores do escolanovismo resumem-se na valorização da educação para o trabalho, na exigência de abandono dos padrões tradicionais de educação, no liberalismo (...) e no tecnocracismo. (...) Para os escolanovistas, educar é desenvolver a personalidade dos educandos (...)

(Ferreira, 2001, p 96 e 98).

O número dos provérbios, máximas e ditos sentenciosos propostos como exercícios de análise ao final de cada grande tópico era muito extenso na edição de 1907⁶, por isso, na de 1909, o autor, ora excluiu alguns conjuntos, ora acrescentou outros, mas em todos retirou muitos dos provérbios. Acreditamos que essas alterações tenham sido reguladas principalmente por dois motivos: primeiramente, porque Pereira já adotara a obra em suas aulas, na realidade cotidiana do cronograma escolar, cujo tempo, muitas vezes parco até para ministrar o programa, ficaria mais escasso ainda para a realização e correção das atividades. Ratifica nossa posição, a crítica tecida por Veríssimo (1906:XXX)

As aulas das escolas superiores (...) não começam a funcionar antes de julho e encerram-se em outubro. O Ginásio Nacional, que antigamente se abriu sempre a 3 de fevereiro e se fechava a 31 de outubro, este ano de 1906 abriu-se oficialmente a 15 de abril, mas de fato em maio, e se deve encerrar a 14 de novembro.

O outro motivo que certamente regulou a diminuição do número de exercícios da 2ª edição foi o fato de o autor já ter lançado, na ocasião, sua *Grammatica Expositiva (Curso Elementar)* e nela ter feito uso de muitos dos provérbios, ditos sentenciosos e máximas do texto-fonte.

Finalmente, a última inovação no volume de 1909 foi a introdução do *Índice alfabético das matérias* que não constava na primeira edição.

Importante ainda, antes de concluirmos nossa discussão a respeito da tese geral da obra, informarmos que a primeira edição possui uma incorreção no índice de modelos de análise e exercícios. Nele não constam os das páginas 86 e 87 (modelo de análise taxonômica e exercícios de substantivos, adjetivos e pronomes) nem os das 141, 142 e 143 (modelo de análise taxonômica e exercícios do verbo); incorreções deste tipo não eram raras na ocasião, pois a revisão cabia ao próprio autor. Além disso, não houve muito rigor nem na separação, nem na enumeração dos capítulos.

Passaremos agora à apresentação e discussão do segundo grupo de diferenças observadas entre as obras.

⁶ Muitas vezes excedendo a quarenta orações.

2. Modificações efetuadas na forma de apresentação dos conteúdos

A primeira modificação observada foi em relação à grafia de determinadas palavras. Na primeira edição (p.101), por exemplo, o autor exhibe-nos o verbo **puzer** e seus derivados **puzessem, puzera**. Já na segunda edição (p. 86) encontramos-lo grafado **pozer**, com respectivos derivados **pozera, pozesse**. No texto-fonte (p. 217) também encontramos a forma verbal **eram-nos**, em contrapartida, na 2ª edição (p. 82) deparamo-nos com a variação **eram-n-os**.

Sabemos que, na ocasião da escritura tanto da 1ª quanto da 2ª edição da *Gramática Expositiva*, embora a Academia Brasileira de Letras já dispusesse de plano de reforma ortográfica⁷, sugerindo uma uniformização no modo de escrever a língua nacional privilegiando, sobretudo, o caráter fonético do vocábulo, muitas eram as controvérsias e discussões a esse respeito, mormente por parte daqueles estudiosos que se fixavam no aspecto etimológico:

É mal antigo, sentido e confessado por todos os sábios, literatos e filólogos distintos a anarquia em que laboramos a respeito de ortografia. Há uma porção de tratados de ortografia, mas ortografia nacional, assente, perfeita, harmônica, não existe nenhuma. O que existe é uma cacografia alabirintada, uma escrita incerta, contraditória, arbitrária, caótica. Vários tentames se têm feito no empenho (empenho mui louvável) de se pôr termo à vergonhosa desordem gráfica, mas têm sido todos infrutuosos, e a razão dos malogros não é outra senão que tais tentativas de reformação ortográfica são meramente arbitrárias e individuais – sistemas ou arremedos de sistemas que a fantasia de cada um engenhou (...)

(Barreto, 1911: 35)

Portanto, não só não estava fixada a ortografia nacional, como muitos – inclusive nosso estudioso – resistiam em aceitar mudanças, fato que possibilitava tais variações.

Afora isto, constatamos, inclusive, alguns problemas tipográficos em ambas as edições, sem fazerem parte da *Errata*:

Consiste (1ª edição, p. 125) / **consisto** (2ª edição, p.106)

Photo (1ª edição, p. 181) / **pohto** (2ª edição, p.152)

⁷ Embora as atas da reunião de 13/6/1901 não constem nos arquivos da ABL, Henriques (2001:99) informa que um recorte do *Jornal do Comércio* de 15/6/1901 noticia que naquele dia fora proposta a formação de uma comissão para estabelecer e fixar a ortografia que a Academia deveria usar em seus boletins.

Justificáveis, talvez, porque na época, como anteriormente dito, o próprio autor fazia a revisão do texto, e como habituado a ele, tais deslizes poderiam ocorrer facilmente.

Por outro lado, observamos que, em alguns trechos da primeira edição, Pereira adota um *tom professoral* na instância de apresentar a discussão teórica:

As palavras, como dissemos, estão todas relacionadas na frase: a que serve de sujeito está em relação subjetiva para com o predicado; a que serve de predicado está em relação predicativa para com o sujeito; a que modifica outra palavra está em relação complementar para com a palavra modificada. (p. 191)

Já na 2ª edição, reformulou a redação, promovendo notada objetividade e revelando mais distanciamento do texto:

O sujeito está em relação subjetiva para com o predicado, o predicado em relação predicativa para com o sujeito, o complemento em relação complementar para com a palavra cujo sentido ele modifica (p.158)

Quanto às **notas explicativas**, na primeira edição muitas delas apresentam-se mais curtas e menos elucidativas que na segunda:

Nota: *Os aumentativos **ão, ona.** e os diminutivos **inho, zinho,** são de uso popular; e os em **ulo,** de uso erudito exclusivo.* (1ª edição, p. 68)

Na segunda edição, em relação ao mesmo conteúdo, Pereira continua explicitando:

(...) *Nas palavras oxítonas e terminadas por ditongo é de rigor – **zinho** (pezinho, mãezinha), nas outras é, em geral, facultativo – **inho** ou **zinho**.* (2ª edição, p.60)

Outras notas encontram-se com algumas reformulações no texto, como veremos abaixo:

*Estas terminações superlativas – **issimo, -imo, -rimo,** vêm todas da forma latina **timo, que ainda** se conserva em intimo. O **t** abrandou-se em sua homorgânica constricta **s – timo = simo;** em **imo** deu-se a aférese do **s,** e em **rimo** deu-se a assimilação progressiva do **s** em **r;** **salubérsimo = salubérrimo.** A sílaba **is** é um incremento latino, que finaliza a forma positiva ao acrescentar-se à terminação superlativa – **simo.** (p. 81 – 1ª edição)*

*Estas terminações superlativas – **issimo-imo, rimo,** vêm todas da forma latina **timo, que ainda** se conserva em intimo. O **t** abrandou-se em sua homorgânica constricta **s – timo = simo;** em **limo** e em **rimo** deu-se a assimilação progressiva do **s** em **l** e em **r:** **facilissimo***

= *facílimo, salubérrimo = salubérrimo. Muitos porém, escrevem facílimo fazendo aférese do s (simo = imo)*. A sílaba **is** é um incremento latino, que finaliza a forma positiva ao acrescentar-se a terminação superlativa - **simo**. (p. 70 – 2ª edição) (Grifos nossos)

Poucas só constam na 1ª edição, como a que aparece à página 83, logo depois da definição de *Pronome*:

Pronome, de origem latina, significa – em vez do nome.

E outras, vimos fazerem parte da 2ª edição:

O verbo **alumiar**, como observa Soares Barbosa, escrevia-se antigamente alumear (de lume) do que ainda se conserva vestígio no seguinte anexim popular:

O ignorante e a candeia – a si queima, e a outros alumeia. Ainda se ouve esta pronúncia entre o povo. – Monteiro Leite, C. de Figueiredo e outros fazem regular todos os verbos desta classe. (p. 102)

Esparsas passaram do estatuto de *Notas* para fazer parte do corpo do texto:

O termo sintaxe é de origem grega = syn = com, taxis = arranjo; correspondente á palavra latina em construção. (1ª edição, p. 189; p. 156, 2ª edição)

Algumas, ainda, passaram de *Notas* para *Observações*, cujo número aumentou muito nesta edição revista:

Em muitas palavras, em vez de forma – **ária**, prefere-se a forma – **eria**, exs. bateria, roseira, correria, bufoneira, galeria (...) (p. 131)

Obs.2 – *Familiarmente é mais comum dizer-se: – Quanto é hoje ? Hoje é vinte. Expressão esta perfeitamente analisável, desde que tomemos o cardinal pelo ordinal: Hoje é o vigésimo dia do mês. – É mais comum entre eruditos formular-se a pergunta: Quantos são hoje? (p. 174)*

Diversas *observações* da 2ª edição resultaram da soma de uma *observação* e uma *nota* da primeira edição:

[Obs. *Critica J. Soares Barbosa, em sua Gr. Filosófica, esta frase de Vieira porque o pronome neutro o substitui o adjetivo participio desenganados, que, entretanto não se acha antecedentemente enunciado. É sintaxe, segundo o douto crítico, viciosa*](Obs. Da 1ª edição, p. 217) [As outras regras concernentes á concordância do predicado nominal e pronominal, são comuns á concordância do adjetivo com o substantivo e do pronome com o nome, e vão ser

estudadas nos capítulos seguintes.] (Nota da 1ª edição, p.271)] (Da 2ª edição, p. 182).

Resta-nos informar que as mudanças em *notas* e *observações* podem ter sido orientadas por dois principais motivos: o primeiro governado pela prática pedagógica, ou seja, o dia-a-dia do autor, quando, para ser mais claro e elucidativo, ampliava, reestruturava e reorganizava tais partes do texto. O outro pode ter sido provocado porque – nos dois anos que separam as obras – certamente, muito leu nosso autor. Tal assertiva vem ratificada quando, em algumas citações, vemos retirado o termo *apud* dos exemplos:

Este modo de acrescentar fazenda... Também me atrevera eu (atreveria eu) a dizer que era (= seria) bom, se, neste mundo, não houvera uma conta, e, no outro mundo, outra. E no outro mundo não houvera inferno, e, neste mundo, não houvera justiça, era (= seria) muito bom (AV, apud Grivet) (1ª edição, p. 285)

Este modo de acrescentar fazenda... Também me atrevera eu (atreveria eu) a dizer que era (= seria) bom, se, neste mundo, não houvera uma conta, e, no outro mundo, outra. E no outro mundo não houvera inferno, e, neste mundo, não houvera justiça, era (= seria) muito bom (AV). (2ª edição, p. 272)

A qual obra será posta no catálogo das mercês, que este reino dele tem recebidas. (J. de Barros, apud S.B.) (1ª edição, p. 301)

A qual obra será posta no catálogo das mercês, que este reino dele tem recebidas. (J. de Barros) (2ª edição, p. 281)

Quanto aos exemplos, aproveitamos para esclarecer que eles sofreram muitas alterações entre as edições analisadas. Pereira, ora excluía palavras ou orações inteiras que serviam como exemplos, ora acrescentava outras no rol dos já constantes, ora ainda, substituía alguns, como veremos.

Excluiu, por exemplo, ao tratar dos pronomes **que e quanto**:

Aquele que tarde anda, pouco alcança (o que tarde anda, pouco alcança. p. 213, 1ª edição)

E acrescentou ao mesmo item gramatical:

Todos (nós) quantos aqui estamos, vivemos bem (p.178, 2ª edição)

Referindo-se ainda ao **que**, excluiu também o seguinte exemplo:

Uma das felicidades, que se contava entre as do tempo presente (p. 214)

Muitos exemplos foram retirados, quando o autor explica os processos de formação de palavras. *Liquidação, uniforme e manicórdio* (p.178, 1ª edição) foram itens excluídos da lista de substantivos compostos que seguem o processo

primitivo de formação vocabular. *Quemequer* (pronomes) (p.179, 1ª edição) foi retirado da lista dos compostos por “justaposição”; *Os papa-figos e o malmequer* (p.180) foram excluídos da lista de “locuções ou frases verbais”; a palavra *talvez* (p. 181, 1ª edição) foi retirada dos exemplos de locuções adverbiais, porque essa forma já deveria estar sedimentada⁸.

Já, ao discutir concordância do verbo com o sujeito, ou da concordância com as disjuntivas **ou** e **nem**, acrescenta:

Quantas ou que horas são? São dez horas – Quanto é hoje? Hoje são vinte. (2ª edição, p. 173/174)

A nulidade ou a validade do contato eram assunto de direito civil. (A H) (p. 177, 2ª edição)

Sei que não seriam nem eles nem eu, quem pusesse esse remate (A H). (idem, ibidem)

Percebemos que, até em **Notas**, houve acréscimo de exemplos:

Tanto a igreja como o estado eram até certo ponto inocentes (A H). (Nota: 177, 2ª edição)

Apuramos que todos – absolutamente todos – os exemplos citados na 1ª edição foram excluídos, quando o autor passou a contemplar os *vícios de linguagem, do estrangeirismo*, fazendo constar na 2ª edição apenas o tipo e a origem de tal fato lingüístico:

Estes estrangeirismos tomem o nome da língua donde procedem: germanismo (Germania, antigo nome da Alemanha), do alemão; anglicismo, do inglês; italianismo, do italiano; espanholismo, do espanhol; galicismo ou francesismo (Galia, antigo nome da França), do francês; hebraísmo, do hebraico; helenismo, do grego; latinismo, do latim. (p.211, 2ª edição)

Nos **vícios**, retirou ainda os seguintes exemplos de **barbarismos** (p. 255, 1ª edição):

home, mahomet e substantivo

e os **brasileirismos**:

entonces (por então) e *falemos* (por falamos) (p. 257, 1ª edição)

Continuando a tratar de **brasileirismos**, o autor excluiu o parágrafo 523 da 1ª edição, que fazia o seguinte comentário:

A evolução da uma língua opera-se no tempo e no espaço, as diferenciações regionais, quando adquirem certa extensão não só

⁸ O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (1982:750) registra o aparecimento da forma em 1813, portanto quase 100 anos o vocábulo possuía à época.

lexicológica porém também fraseológica ou sintática, assumem o caráter de dialetos. Embora o nosso léxico contenha cerca de 5000 vocábulos, em geral de origem indígena e africana, mais que o de Portugal; embora sejam notáveis certas diferenças prosódicas, sintáticas, todavia, seria talvez dar uma extensão indébita ao termo dialeto chamar a nossos brasileirismos de dialeto brasileiro. (p. 215).

Embora saibamos que a República havia consolidado a busca de valores e símbolos de identidade nacional, a constatação de que a Língua Portuguesa falada no Brasil afigurava-se diferente da de Portugal era um fato doloroso para muitos, sobretudo para aqueles que desejavam nosso idioma calcado no modelo escrito do da Pátria-mãe. Clássicos escritores portugueses permeavam o imaginário de muitos estudiosos, sendo por eles decorados, citados e copiados. Contudo, havia os mais observadores e flexíveis em relação às mudanças, observemos o que nos diz Mário Barreto (1911:186):

Um idioma é produto do povo, não um sistema artificial organizado na cabeça de quem quer que seja, e tanto mais autoridade ganha um escritor quanto mais uso vivo se abeiram os seus escritos, que assim representam o uso de um idioma em uma época determinada. O povo, como diz um gramático moderno, é o nosso soberano mestre de linguagem: suas sentenças são sem apelação, e o uso tudo justifica, – solecismos e barbarismos.

Pereira chegou, inclusive, a trocar exemplos, ou seja, substituiu um, sem referência bibliográfica, por outro, referendado por Alexandre Herculano:

A coragem e a consagração invencíveis dos mártires. (p. 218, 1ª edição)

por

As angústias que resultam da esperança e do temor combinados (A H). (p. 183, 2ª edição).

Mais uma vez vemos comprovada nossa afirmação de que nos dois anos que separaram a revisão da obra, o autor muito ampliou, sistematizou e atualizou suas leituras.

Outro tipo de modificação observada na gramática foi a retirada quase total de notas e até de parágrafos que traziam referência histórica ou geográfica da língua. A observação a seguir transcrita da página 250 (1ª edição), por exemplo, não consta na 2ª:

Dois povos invadiram, em tempos antigos, a Península Ibérica, e nela dominaram largamente, incorporando no léxico de nossa língua grande número de vocábulos. São eles os visigodos, de origem

germânica ou alemã, no séc. V, e os árabes, no séc. VIII. Os numerosos vocábulos germânicos dessa época como Afonso, Guilherme, guerra, bandeira, etc., estão perfeitamente assimilados; as importações modernas, como quartz, bismuto, etc., são em pequeno número. O uso de termos estrangeiros deixa de ser um vício quando necessário, por carência de termo vernáculo. Neste caso é ele incorporado à língua, assumindo pouco a pouco feição vernácula, como: cagão, boné, paletó, bife, bufete, etc. Existem ainda na língua estrangeirismos literários que nos vieram do hebraico, por intermédio da literatura bíblica, do grego e do latim, por intermédio de escritores hele-nistas e latinistas, e que não entram na classe de barbarismos.

Recordemo-nos de que no início da 2ª edição de sua *Gramática Expositiva (Curso Superior)* o autor fizera constar um *Esboço histórico e geográfico da Língua Portuguesa*, esclarecendo, dentre outras coisas, a origem e formação de nosso léxico, por isso a informação desse parágrafo já se fazia redundante.

Interessante ainda atentarmos que o conteúdo dessa **Observação** (p. 250, 1ª edição) possibilita-nos esclarecer por que o autor retirara todos os exemplos de *estrangeirismos* e alguns de *barbarismos* da segunda edição, ou seja, o ali anotado ajuda-nos a hipotetizar que o rápido desenvolvimento da ciência e da tecnologia, na virada do século, favorecia a necessidade de criações vocabulares que dessem conta dos avanços, inúmeras descobertas e inesperadas mudanças pelos quais passávamos. Nesse sentido, afirmam Costa e Schwarcz (2000:10):

(...) era momento em que uma certa burguesia industrial, orgulhosa de seu avanço, viu na ciência a possibilidade de expressão de seus mais altos desejos. Tal qual uma revolução industrial que não acaba mais, aqueles homens passavam a domar a natureza a partir de uma miríade de invenções sucessivas.

Logo, a falta de palavras motivava a inserção em nosso vocabulário de um número bastante grande do léxico estrangeiro, o que significava que um estrangeirismo hoje, poderia começar a fazer, na necessidade, parte de nosso léxico.⁹ Por prudência, temendo precipitar -se diante do rápido desenvolvimento, o melhor, deve ter refletido Pereira, seria retirar os exemplos.

Também o parágrafo 523 (citado anteriormente) extirpado da 2ª edição, norteia-nos para que entendamos a exclusão de alguns dos *brasileirismos* presentes no texto-fonte.

Continuando, nas diferenças relativas à forma de apresentação do conteúdo, percebemos uma sensível mudança na sintaxe. Como se pôde observar

⁹ Igual fenômeno ocorre hoje com, por exemplo, o advento da informática.

no quadro apresentado quando discutíamos a estrutura dos capítulos, a alteração inicia-se aí, ou melhor, pela disposição do conteúdo, estendendo-se para muito além, conforme veremos a seguir.

A primeira edição começa estudando as particularidades sintáticas de cada uma das categorias gramaticais, passando depois ao período. Na segunda edição, dá-se o inverso, ou seja, o autor, no texto revisado, começa pelo período, passando depois àquelas.

Ao iniciar o estudo das *Particularidades Sintáticas* Pereira retira na segunda edição a seguinte introdução que fizera constar no texto-fonte:

Tendo estudado os fenômenos gerais das palavras em suas combinações no tríplice domínio da sintaxe de concordância, regência e colocação estudemos agora certos fenômenos particulares referentes a cada uma das categorias gramaticais. (p. 258)

Além disso, acrescenta inúmeros parágrafos como os a seguir transcritos:

587. Em – **boa fé, má fé, boa vontade, má vontade**, não assume, em geral, o adjetivo a forma sintética do comparativo. Dir-se-á no comparativo: **melhor boa fé, peor má fé, melhor boa vontade, peor boa vontade**.

O mesmo se deve observar com – **bom humor, mau humor, bom gosto, bom senso**, pois que a língua tende a considerar essas expressões como substantivos compostos.

Todavia não é estranho aos adjetivos nessas locuções o comparativo analítico, p.ex. Sendo igualmente incontestável que, na discussão havida, mostrou mais bom senso e moderação do que ele(J.F. Lisboa ap. M. Barreto). (p. 240)

592. O adjetivo **leso** em composição com substantivo concorda com ele: **crime de lesa-patriotismo, de lesa-majestade**.(p. 241)

594. Aos pronomes neutros – **nada, algo, o que** – prende-se o adjetivo qualificativo ou diretamente ou com a intercalação da preposição **de**: **nada novo, algo estranho, o que há de bom na vida, ou – nada de novo, algo de estranho, o que há de bom na vida**.

Esta última regência é vestígio da sintaxe latina: – nihil boni, aliquid pulchri, quod pulchri erat (Julio Moreira) (p.242).

cujas referências bibliográficas apontam novamente para a atualização de suas leituras, pois sabemos que tanto a obra de Júlio Moreira¹⁰ e algumas de

¹⁰ Os *Estudos de Língua Portuguesa* de Mário Barreto, por exemplo, datam de 1903 e os *Estudos de Língua Portuguesa* de Júlio Moreira foram publicados postumamente a partir de 1907.

Mário Barreto são praticamente contemporâneas à época da escritura da *Gramática Expositiva*.

Em relação à obra de Said Ali, é incontestável que, na ocasião da reescritura da *Gramática Expositiva*, Pereira já tivesse lido as *Dificuldades da Língua Portuguesa*, cuja primeira edição data de 1908, pois no capítulo em que contempla colocação pronominal, ouvimos com nitidez a voz do *Mestre da Filologia Portuguesa*:¹¹

(...) *Cumpre, entretanto, observar que a topologia pronominal é eminentemente uma questão de ouvido, e não sendo idêntica a prosódia de Portugal e do Brasil, é natural a divergência.* (2ª edição, **OBS.**, p. 203, grifos nossos)

Ouçamos o que dita o Mestre de alemão:

§103. *Estas regras mostram que sempre há mais ordem do que se supunha na aparente balbúrdia pronominal. Outras ainda comportará o infinitivo sem flexão regido de uma das aludidas partículas; será porém mais custoso descobrir para elas fórmulas claras e corretas. Vagamente falando, não se erra dizendo que é questão de ouvido. Escapam, de fato, à sintaxe, escapam à gramática tradicional, mas não se engana na aplicação prática quem tem o sentimento de linguagem.* (Said Ali, 1966:39, grifos nossos)

Percebemos também uma nova visão de período composto no momento em que analisamos o estudo das orações. Tais inovações começam pela sistematização de definições como **Período**:

Período Gramatical é uma ou mais proposições, orações ou sentenças formando sentido completo e independente. O ponto final indica o fim do período. Tem o mesmo efeito o ponto de exclamação e o de interrogação, quando equivalem ao ponto final. (1ª edição: 322)

*As palavras e as frases se combinam ou relacionam para formarem o **período gramatical**, que praticamente se conhece por terminar em ponto final(.), e, às vezes, em ponto de interrogação (?) ou de exclamação (!).* (2ª edição, p. 155)

e “**proposição**”:

Proposição, oração ou sentença é a frase constituída por uma ou mais palavras contendo uma afirmação qualquer. (1ª edição, p. 189)

Proposição, oração ou sentença é a frase que contém uma declaração formal constituída por uma ou mais palavras. (2ª edição, p. 157)

¹¹ Expressão usada por Serafim da Silva Neto, no prefácio da 6ª edição das *Dificuldades da Língua Portuguesa*.

Ou seja, o autor abandona a definição calcada no modelo filosófico, para adotar a seguida pelo científico.

Na 2ª edição Pereira oferece-nos uma elucidativa observação, esclarecendo em qual gramático se apoiara efetivamente:

Observa o eminente gramático suíço N.L.C. Ayer, que a definição dada pela generalidade dos gramáticos franceses (e pelos nossos) de proposição, dizendo ser esta a expressão ou o enunciado do juízo, é deficiente. A proposição, acrescenta ele, é apenas a representação sensível ou material do pensamento: é o que indica o étimo da palavra: proponere em lat., donde ela é derivada, significa expor á vista, fazer ver. Ora a frase – expressão do juízo – só pode aplicar a uma parte de nossos pensamentos. Quando o professor diz ao aluno: Trabalhai, exprime não um juízo, mas um desejo ou ordem, o que é assaz diferente. Aristóteles já havia ensinado que nem toda a proposição encerra uma afirmação ou juízo, mas somente aquela que expressa uma verdade ou erro, o que não acontece com todas as proposições. De fato, as proposição optativas, p. ex. que expressam um desejo, são proposições, mas não expressam verdade nem erro, não são enunciados de juízos. Além, de tudo isso, tal definição tem um defeito de método pressupondo no aluno o conhecimento da Lógica. (p. 157)

esclarecendo que entre a gramática e a lógica há mesmo relações muito complexas.

Entendemos que a forma de exposição dos conteúdos neste capítulo ocorre da seguinte maneira: Pereira começa pelo *período*, classifica-o em simples, composto e complexo, passa a seguir à classificação das *proposições* – independentes, principais ou absolutas e subordinadas, secundárias ou dependentes – continua especificando cada uma separadamente, para finalmente informar sobre sua conversão e redução.

Já na segunda edição, procede a uma classificação das proposições muito mais minuciosa e particularizada, informando-nos quanto à sua *forma* – simples, composta ou complexa –, quanto à sua *espécie* – declarativa, interrogativa, exclamativa, imperativa e optativa –, quanto à sua *função* – independente, principal e subordinada – e, finalmente quanto aos *seus membros* – contracta, plena, elíptica e pleonástica, especificando e exemplificando cada tipo pormenorizadamente.

Finalmente, na obra de 1909 procura aplicar mais organização nos exemplos, colocando-os, inclusive, algumas vezes em ordem alfabética. Este mesmo cuidado teve em relação às proposições (1ª edição, p. 145; 2ª edição, p. 121)

Passaremos a seguir à análise do 3º grupo de mudanças ocorridas na 2ª edição, sabendo de antemão, pela voz do próprio Pereira, que:

Aplicamos o maior cuidado à análise fornecendo sobre todos os domínios da gramática expositiva modelos e exercícios apropriados. Sem pruridos de inovação, fomos todavia coagido a dar neste assunto orientação que nos parece nova e segura. (p. XI, 2ª edição, 1909)

3. Modificações efetuadas no tratamento dos conteúdos

Notamos que muitos foram os cuidados aplicados em várias questões gramaticais na instância da escritura dessa nova edição. O primeiro de todos foi em relação à definição do termo **gramática**. Na edição de 1909, amparado em Darmesteter, Pereira afirma:

Gramática (gr. Gramma = letra) é a ciência das palavras e suas relações, e a arte de usá-las com acerto na expressão do pensamento. (p.2)

Definição essa muito próxima também da de Ayer (1900: 1):

La grammaire est la science du langage(...)

Na primeira edição, apoiado ainda nas gramáticas filosóficas, Pereira assim definia o termo:

Gramática portuguesa: é a exposição metódica das regras relativas ao uso correto da Língua Portuguesa. Nota: Gramática é termo grego derivado de *gramma* = letra.

Esclarecendo em ambas as edições que:

*As palavras, objeto da Gramática, podem ser estudadas em dois aspectos fundamentais: isoladas e combinadas. Daí a dividir-se o estudo da Gramática em **Lexeologia e Sintaxe**.* (1ª edição, p. 2ª edição, p. 3)

Continua, também em ambos os textos especificando que o estudo da **lexeologia** divide-se em duas partes: fonologia e morfologia. Como já mencionamos anteriormente, em virtude de nosso trabalho voltar-se para as *operações de nossos espíritos: idéias e combinação de idéias, isto é, idéias e pensamentos (...)* (2ª edição, p.154), não analisaremos a primeira parte.

Vejamos então como foram tratados os conteúdos no estudo da **morfologia**.

Antes de tudo, importante é elucidar que não são muitas as alterações efetuadas, apesar de, na segunda edição, termos observado mais acuidade e maior sistematização na apresentação dos dados e na discussão da teoria.

A divisão do estudo da morfologia em duas partes: **taxeonomia e etimologia** é igual em ambas as edições. Em relação à primeira das partes, continua mantendo as tradicionais oito classes gramaticais: substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição e as *outras classes de palavras*, ou seja, aquelas que, *classificadas e estudadas isoladamente em seu elemento ideológico* (p. 124, 2ª edição), são analisadas do ponto de vista comparativo, em sua função, forma, significação e oposição.¹²

Pereira diferenciou-se de seus contemporâneos ao inscrever o artigo nos adjetivos, chamando-os de determinativos articulares, justificando seu posicionamento à página 48 do texto-fonte:

Contam muitos gramáticos dez partes da oração, incluindo entre elas – o artigo e o particípio. Porém estas partes estão naturalmente incluídas na classe do adjetivo.

Julgamos relevante recordar que Júlio Ribeiro, em sua *Gramática Portuguesa*, além de apresentá-lo em uma classe distinta, assim o definia:

Artigo é uma palavra que se antepõe ao substantivo a fim de particularizar-lhe a significação. (p.60, 7ª edição)

Por outro lado, Maximino Maciel, em sua *Gramática Descritiva* (5ª edição, 1910: 119), chama essa classe gramatical de *Adjetivo Articular* ou *Artigo*.

O estudo do substantivo e do adjetivo é bastante semelhante nessas duas edições da *Gramática Expositiva* e, ao discorrer sobre verbos, Pereira atualizou o estudo dos elementos mórficos, apresentando-nos na 2ª edição a **vogal temática**:

Devemos distinguir na forma verbal a terminação ou desinência, o radical ou tema e a vogal característica (...) (p.79) (grifos do autor)

Assim procedeu, embasado, possivelmente, em Júlio Ribeiro que já exibira em sua obra (*op. cit.*: 108 e 109) uma tabela de conjugação dos verbos regulares, apontando para a distinção entre o radical e essa vogal e as desinências.

A segunda edição da *Gramática Expositiva* revela ainda uma atualização dos nomes de alguns tempos verbais; o *Particípio presente composto*¹³ (1ª edição, p. 103), por exemplo, passa para *Particípio passado composto* (2ª edição, p. 87) e, na conjugação perifrástica, ambos os tempos compostos do condicional são chamados na 1ª edição (p. 108) por Pereira de *imperfeitos compostos*; um com o auxiliar *houvera* e o outro com o auxiliar *haveria*; entretentes, na

¹² Hoje Bechara (1999) propõe o estudo dessas em capítulos intitulados “Formação de palavras do ponto de vista do conteúdo” e “Alterações Semânticas”.

¹³ havendo ou tendo louvado, vendido, etc

segunda edição passam para *Imperfeito composto (haveria...)* e *Outro (Hou- vera...)* (p. 91).

O autor também revisa na segunda edição o nome do modo verbal *conjuntivo* (1ª edição, p. 108) que passa a *subjuntivo* (p. 92). A título de ilustração, João Ribeiro (1904, 11ª edição) utiliza o primeiro termo, já Júlio Ribeiro (7ª edição, s/d) e Maximino Maciel (5ª edição, 1910), o segundo.

Por outro lado, ao discutir a conjugação dos verbos pronominais, Pereira manifesta mais zelo e minúcia nos nomes dos tempos verbais, conforme obser- vamos nas tabelas a seguir:

Conjugação dos verbos pronominais modo indicativo¹⁴

1ª edição p. 112 e 113	2ª edição p. 95 e 96
Presente	Presente
Imperfeito	Pretérito Imperfeito
Perfeito	Pretérito Perfeito
Perfeito Composto	Perfeito Composto
Pretérito mais que perfeito	Pretérito mais que perfeito
Pretérito mais que perfeito composto	Pretérito mais que perfeito composto
Outro	Outro
Futuro absoluto	Futuro imperfeito ou absoluto
Futuro Perfeito Composto	Futuro Perfeito composto

Modo condicional

1ª edição p. 113	2ª edição p. 96
Imperfeito	Imperfeito
Outro	Outro
Futuro Perfeito Composto	Futuro perfeito composto
Outro	Outro

¹⁴ Grifos nossos.

Modo imperativo

1ª edição p. 113	2ª edição p. 96
Presente (singular e plural)	Presente (singular e plural)

Modo subjuntivo¹⁵

1ª edição, p. 114	2ª edição, p. 97
Presente	Presente
Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
Outro	Outro
Pretérito Composto	Pretérito perfeito composto
Mais que perfeito composto	Mais que perfeito composto
Outro	Outro
Futuro	Futuro imperfeito
.....	Futuro perfeito composto

Moderniza, na 2ª edição, a classificação de algumas conjunções. *Quer... quer*, por exemplo, é retirada das coordenativas e colocada nas concessivas, como já o fizera Maciel (op.cit, p. 146).

Nada se constatou de novo na discussão dos *advérbios*, *preposições* e *interjeições*.

Uma outra observação a ser feita em relação à **taxeonomia**, foi o fato de Pereira, ao explicar sobre verbo em sua relação com o sujeito (2ª edição, p. 113) ter acrescentado nos exemplos de verbos passivos *A lebre corre* (sic!). Faz-se importante esclarecer que em ambas as edições essa mesma oração encontra-se como exemplo de verbo ativo. Mais intrigante ainda foi o fato de a mesma oração *A lebre corre* ter sido citada ainda como exemplo de verbo neutro.

Finalmente, notamos que o autor, ao discutir a **analogia das formas**, excluiu o *Sincretismo Vocabular* (p. 152,153, 1ª edição) da 2ª edição, talvez

¹⁵ Idem

devido agora ao grande número de gramáticas de Língua Portuguesa escritas no Brasil e de grande divulgação nas escolas, havendo, portanto, a possibilidade de uma maior propagação dos termos.

Quanto à **etimologia**, percebemos que o autor retirou muitos exemplos apresentados no texto-fonte. Como já dissemos, tal fato tenha talvez sido motivado pela escritura da *Gramática Expositiva (Curso Elementar)* no final de 1907, na qual inseriu muitos deles.

Passemos agora a observar o tratamento dado por Pereira à **sintaxe** em ambas as edições de sua obra.

Primeiramente, importante faz-se considerar que, na primeira edição, o autor asseverara que os fatos sintáticos eram *extremamente móveis e difíceis de sistematizar* (p.189). Talvez por isso, depois de ampliar sua bibliografia, tenha logrado mais êxito em sua organização, apresentando, na segunda edição, como já dissemos anteriormente, uma nova ordem na discussão dos conteúdos. Além disso, apresenta nesse novo texto definições mais apuradas, modernas¹⁶ e esclarecedoras, como a que explica o termo *frase*:

Frase é a reunião de palavras que dá expressão a um pensamento, o qual pode ser completo(...) ou incompleto. (1ª edição, p. 188)

Frase é a combinação ou relação de palavras que dá expressão a um pensamento (...) (2ª edição, p.154) (grifos nossos)

ou a que elucida o termo *proposição*, como já vimos anteriormente:

(...) *proposição*, oração ou sentença é a frase constituída por uma ou mais palavras contendo uma afirmação qualquer. (1ª edição, p. 189)

(...) *proposição*, oração ou sentença é a frase que contém uma declaração formal constituída por uma ou mais palavras. (2ª edição, p. 157)

Interessante observar que essas conceituações na obra de 1907 muito se aproximam das ensinadas nas gramáticas tradicionais, como, por exemplo na de *Grivet* (1886:224, 225):

A oração, a que outros chamam período ou frase, consta, ou de uma só proposição, ou de um complexo de proposições mais ou menos intimamente relacionadas.

Sendo a proposição a mera enunciação de um pensamento, claro é que se contam tantos pensamentos singelos (...)

¹⁶ Ou seja, definições em que se podiam ouvir as vozes de gramáticos a ele contemporâneos, como Ayer, Mason, Júlio e João Ribeiro, dentre outros.

Além disso, Pereira, na primeira edição, em notas, explicita o termo sintaxe:

o termo sintaxe é de origem grega = syn = com, taxis = arranjo; corresponde à palavra latina – construção. (p. 189).

Na segunda, elucida:

*(...) o estudo das palavras combinadas para a expressão do pensamento é o objeto desta segunda parte, denominada **Sintaxe**. (...) Sintaxe tem por objeto o estudo da frase (...) (p. 154)*

Uma nítida influência tanto dos gramáticos tradicionais:

Sintaxe é a parte da Gramática que ensina a coordenar as palavras e as proposições. (Sotero dos Reis, 1871:VIII)

quanto dos modernos, neste caso específico, do mestre suíço, pôde novamente ser observada na definição apresentada na obra de 1907:

La syntaxe s'occupe des mots considerés quant à leur liaison dans les discours, elle se divise en syntaxe de la proposition simple et syntaxe de la proposition composée. (Ayer, 1900:3)

Pereira, na segunda edição, revê algumas das terminologias adotadas no texto-fonte, passando a classificar, por exemplo, o **predicado de predicado nominal** e **pronominal**, em substituição a **atributo**. Destacamos que, novamente, é a obra de Ayer que o está autorizando nestas reformulações, como ele mesmo afirma em *observações* às páginas 157 e 158.:

Observa ainda o ilustre prof. da Academia de Neuchatel, C. Ayer, que os antigos gramáticos já se serviam da palavra predicado para designar o que geralmente se chama hoje o atributo (...)

Ayer (1900:381) assim se refere a predicado:

Le mot prédicat signifie etymologiquement ce qui est dit du sujet (...)

e o classifica em verbal e nominal.

Em muitos casos, Pereira exhibe classificações mais depuradas e pormenorizadas, como quando discute a **relação complementar**. Na primeira edição, p.192 afirma:

*(...) aos três termos lógicos que se resolvem nestas cinco relações, devemos acrescentar mais dois o **vocativo** e a **ligação**.*

Na segunda, ensina:

*(...) a estes três termos lógicos devemos acrescentar mais um, como Grivet: é o **conectivo** ou **ligação**.*

não se referindo, pois, ao vocativo. A conceituação dessa função sintática também é reavaliada na edição em questão. No texto-fonte, vem assim definida:

Vocativo é o termo isolado na frase que serve para chamar a atenção da segunda pessoa gramatical, desempenhando a função de semelhante a uma interjeição. (p. 192)

Na obra de 1909, Pereira preconiza:

Vocativo é um aposto especial da 2ª pessoa, com quem se relaciona: Miguel, Miguel, não tens abelha e vendes mel ! (...). (p. 170)

esclarecendo em **nota** que a *aposição vocativa é patente e que o vocativo insulado na frase relaciona-se com o sujeito da proposição implícita (...)* (p. 170).

Na definição dessa função, parece-nos oculta a voz de Andrés Bello (*Estudios gramaticales*, 1862:251, 13ª lição):

(...)VOCATIVO, esto es, un llamamiento que se hace a la segunda persona. Otra cosa notable en este ejemplo es que se calla el sujeto yo, porque la terminación del verbo lo indica suficientemente.

Ao discutir os *complementos*, na primeira edição, p. 200, esclarece que eles podem apresentar-se divididos em duas classes, ou seja, o direto e o indireto. Por outro lado, na edição revista, esclarece-os:

(...) *entra na classe de complemento toda a palavra que na frase explana, amplia ou restringe sentido de outra palavra, como os adjetivos ou advérbios.* (p. 165)

No tratamento da sintaxe regular de colocação, a maior inovação observada foi em relação ao capítulo de colocação pronominal. Ali, deu especial atenção à *próclise*, reorganizando seu estudo sensata e criteriosamente. Recordemo-nos de que no prólogo dessa nova edição, Pereira noticia:

(...) *aplicamos o maior cuidado à análise fornecendo sobre todos os domínios da gramática expositiva modelos e exercícios apropriados. Sem pruridos de inovação, fomos todavia coagidos a dar neste assunto orientação que nos parece nova e segura.*(p.XI)

Porém, ao discutir a pontuação, nada nos apresentou de novo. A única modificação observada neste item foi a retirada de inúmeros exemplos. Fato inverso ocorreu na discussão das proposições. Quando tratou desse assunto, o autor organizou-as, como já dito, quanto à forma, espécie e membros, assim as classificando:

FORMA	<p>Simples</p> <p>Composta</p> <p>Complexa</p>
--------------	--

ESPÉCIE	Declarativa Interrogativa Exclamativa Imperativa Optativa
FUNÇÃO	Independente Oração Principal Subordinada
MEMBROS	Contracta Plena Elíptica Pleonástica

Oferecendo-nos, pois, nessa edição, um estudo muito mais aprofundado e refinado desse conteúdo gramatical. Entretanto, vale ressaltar que todas essas particularidades das proposições já haviam sido apresentadas num quadro sinóptico na primeira edição (p.340), porém sem tantas especificações.¹⁷

Dando continuidade à nossa comparação, informamos que nada de novo novamente foi constatado nos *Processos sintáticos* e em relação às *Particularidades sintáticas* poucas foram as alterações notadas. Percebemos apenas uma especial atenção na discussão do reflexivo *se* em que o autor apresenta no texto reeditado seis casos figurando *todas as funções vernáculas do pronome se, tratando em seguida da função francesa que se vai generalizando* (2ª edição, p. 261). O esmiuçamento do estudo de tal pronome pode ter sido motivado, principalmente, por causa das severas anotações feitas pela crítica, rendendo-lhe, inclusive, como já apontado, uma obra de resposta. Além disso, Pereira valeu-se na ocasião de autores que também adquiriam notoriedade como Andrés Bello e Otoniel Motta para firmar a doutrina.

Outrossim, observamos em *Particularidades sintáticas* a inclusão de alguns outros advérbios (*muito, pouco, mais, menos, tanto, quanto só*) e das preposições *segundo, conforme, consoante, durante e exceto*. Esclarecemos

¹⁷ A 2ª edição também tem seu quadro sinóptico, com todas as inovações propostas nessa edição.

que, embora hoje estudiosos, norteados pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, considerem as primeiras *conjunções conformativas* e as últimas *palavras denotativas*, na ocasião eram elas chamadas por Maximino Maciel de *palavras preposicionais, isto é, usadas, (...) , invariavelmente, como preposição. (op. cit.p. 141)*

Novamente hipotetizamos que a escritura de sua gramática para o curso Elementar tenha colaborado para isto, já que alguns deles foram lá inseridos. A retirada desse número expressivo de exemplos, tanto neste item, quanto nos demais, também pode ter sido motivada dado o volume do manual, pois nesta edição o autor apresentou-nos dois novos cadernos, o tratado anteriormente, intitulado *Esboço histórico e geográfico*, no início da obra e *A Sintaxe e a Estilística*, em seu final.

O autor inicia esse último caderno esclarecendo ambos os termos e depois, particulariza-os, anotando que a *Estilística, que também denominam sintaxe literária, é uma parte da retórica, e tem por objeto o estilo.*(p.316). Esse, por sua vez, *é o modo peculiar de dar o escritor expressão a seus pensamentos.* (idem, ibidem). Dividindo-o conforme o quadro a seguir apresentado:

O estilo

I- Classificação	Matéria Forma História
II- Qualidades	Nobreza Correção Precisão Decoro Clareza Harmonia Boas qualidades especiais Simplicidade Elegância Sublimidade
Formação e Aperfeiçoamento	

A introdução desse caderno à sua obra, fez-nos perceber que Pereira estava preocupado não só com o ensinar gramática, mas também o ensinar o “bom estilo” ao escrever. Nessa ocasião muito se discutia a respeito da relação entre esses “dois saberes”, apontando-se para o fato de que saber aquela não implicava, necessariamente, saber-se este. Também era matéria de acirrado debate o papel da escola no ensino da arte de escrever. No prefácio do *Livro de Leitura para o Curso Complementar* (1910, 9ª edição) Bilac e Bomfim (p.X, XI) afirmavam:

Convimos que nos cursos elementar e médio é improdutivo e pernicioso o uso de outros livros que não os de leitura. Convimos, e pugnamos para que seja essa a orientação geral; mas não entendemos esse modo de ver até a última divisão. Ainda uma vez o dizemos: é indispensável habituar o aluno à prática do estudo nos textos especiais. Sem isto a escola terá feito tudo, menos o que é de seu estrito dever, isto é, ensinar a estudar. (...) É aí que o professor poderá explicar que nem toda gente escreve e se exprime do mesmo feitio; e se apresentará (sic) os exemplos, e irá salientando o que distingue um escritor do outro; mostrará em que consiste o mérito de cada um, os recursos de que se servem: um mais rico na adjetivação, outro mais afeito aos períodos curtos (...)

Mais tarde, João Toledo (1925:297, 298) declararia:

Ainda hoje, como reminiscência de tempos que vão longe, um apego teimoso à gramática desdoira algumas de nossas escolas primárias. Não é ao compêndio que me refiro: ele e o de aritmética inda aparecem infelizmente, nas mãos das crianças, aqui e ali, meio escondidos, como contrabando: hão de sumir; porém e muito breve, tal é a caça que o bom senso lhes dá. Refiro-me à idéia de que ‘a língua deve ser aprendida através da gramática’ este é o conceito caduco que se obstina ainda no furto impiedoso de tempo e esforço aos pequeninos.(...) A gramática é necessária, toda gente o sabe, porque a boa linguagem implica seu uso. Mas este uso vem aos poucos, através do treino da própria linguagem (...) Imitando o que ouve e o que lê, a criança adquire, alarga, corrige e embeleza um dom que os pais lhe transmitem (...).

Considerações finais

Como vimos, ao reeditar sua obra, Pereira inovou em muitos sentidos, já que, de um lado, estampou em vários momentos de seu novo texto as mais modernas (a seu tempo) correntes lingüísticas e, de outro, mostrou-se preocu-

pado em inserir nele conteúdos que fornecessem instrumentos para que os alunos também se tornassem bons produtores de texto.

Referências bibliográficas

ALI, S. *Dificuldades de Língua Portuguesa – Estudos e Observações* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1940, 4ª edição.

_____. *Dificuldades de Língua Portuguesa – Estudos e Observações* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966. 6ª edição.

AYER, Cyprien – *Grammaire de la Langue Françese* – Paris, Libraires – Éditeurs, 1900.

BARRETO, L. *Novos Estudos de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1911.

_____. *Através do Dicionário e da Gramática* – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1926.

BELLO, A. *Estudios Gramaticales* (1862) – Venezuela: Ministério de Educacion – Comision Editora de las obras completas de Andres Vello – Biblioteca Nacional, 1951

BILAC, O e BOMFIM, M. *Livro de Leitura para o Curso Complementar das Escolas Primarias*, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1910, 9ª edição.

_____. *Através do Brasil* – São Paulo, Editora Francisco Alves e Cia., 1913.

DARMESTETER, A. *Cours de Grammaire Historique de la Langue Française* – Première Partie, Deuxième Partie, Troisième Partie, Paris: Librairie Delagrave, 1930.

_____. *Cours de Grammaire Historique de la Langue Française – Livre Quatrième* – Paris: Librairie Delagrave, 1930.

_____. *La Vie des Mots* Paris: Librairie Delagrave, 1937

FERREIRA, L.S. *Educação e História* – São Paulo, UNIJUI, 2001.

GRIVET, I – *Nova Gramática Analytica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Leuzinger, 1886.

MACIEL, M. *Gramática Descritiva* – São Paulo, Francisco Alves & Cia, 1914, 5ª edição.

MASON, C.P. *English Grammar (including the principles of Gramatical analysis)* – Toro.

MOREIRA, J. *Estudos da Língua Portuguesa* – Lisboa: Livros Clássicos Editora, 1922.

PEREIRA, E. C. *Gramática Expositiva*. São Paulo, Weiszflog Irmãos & Co. 1ª edição, 1907.

_____. *Gramática Expositiva – Curso Superior* – São Paulo, Dubrat e Companhia 2ª edição, 1909.

_____. *Gramática Expositiva – Elementar* – São Paulo: Weiszflog Irmãos, 14ª edição, 1919.

_____. *Gramática Histórica* – São Paulo, Weiszflog Irmãos – 1ª edição, 1916

_____. *Questões de Filologia – resposta aos críticos da Gramática Expositiva*. São Paulo: Tipografia Falcone, 1907.

REIS, S.F. *Gramática Portuguesa (Acomodada aos princípios gerais da palavra seguidos de imediata aplicação prática)*- Maranhão: Tipografia de R. d'Almeida & C. Editores.

_____. *Postillas de Gramática Geral*, 2ª edição, Maranhão: Tipografia de B. de Matos, 1862.

RIBEIRO, J. *Gramática Portuguesa* – São Paulo, N. Falcone & Comp. (1ª edição 1881) 7ª edição, s/d.

TOLEDO, J. *A escola brasileira* São Paulo, Livraria Liberdade (1ª edição 1925) 3ª edição, 1932.

_____. *Didática (nas escolas primárias)* – São Paulo, Livraria Liberdade, 1930.

VERÍSSIMO, J – *A educação nacional* – São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1906, 2ª edição.